

# rota do progresso

«O futuro como o passado: um prodigioso reservatório de formas que esperam, de forças adormecidas, de possibilidades inexploradas, de maravilhosas quadraturas dos círculos...»

LUCIEN FEBVRE

Insero o presente número da nossa revista, além das secções habituais, alguns artigos sobre o problema da técnica. Com esta iniciativa, que fica muito além do «número especial» que era intento nosso consagrar a assunto tão relevante, *Sol Nascente* reafirma-se uma vez mais como «a revista do pensamento jovem».

Quando as gerações dos de mais de trinta anos ou de todo, ignoram o problema que hoje nos ocupa, ou dele se fazem uma ideia grosseira e tendenciosa (1), nós, sintomaticamente, procuramos atrair para ele as atenções dos nossos leitores, expondo-lhes factos com inteira objectividade e extractando deles conclusões honestas, de maneira não apressada. Isto mostra, à evidência, que a divisão entre novos e velhos não releva da mera tendência juvenil a estabelecer balizas, mas de uma efectiva separação e de um real antagonismo de concepções. *Novos e velhos*: problema ineludível, divisão que permanece.

A técnica em si mesma, a técnica sem técnicos é um corpo inerte. Eis porque é impossível abordar seriamente o problema da técnica sem considerar o problema dos técnicos (2).

Ora acontece, e todos mais ou menos o reconhecem, que numa grande multiplicidade de domínios—tão grande que por pouco não coincide com o perímetro das actividades globais da Nação—nós não temos técnicos habilitados. Como são poucos os que, de corpo e alma, se consagram à sua profissão, todo aquele que procura habilitar-se competentemente dentro da sua especialidade tem de percorrer, desacompanhado, num trabalho individual de resultados sempre restritos, o vasto itinerário da preparação especializada. E daqui resulta que, sendo mínimo o número dos que procuram aprofundar os seus conhecimentos técnicos, o grau de especialização não pode deixar de ser diminuto. E' por isso que os nossos técnicos,—salvas honrosas excepções que revelam grande capacidade de esforço e salvos os casos de coincidência de vários na mesma especialidade, o que leva à divisão das tarefas—são técnicos dos problemas e questões mais gerais da sua profissão. E' assim que os nossos melhores engenheiros, arquitectos, construtores civis, chefes de indústria, magistrados, professores, etc., apenas possuem o mais geral das respectivas especialidades. E isto pela razão que dissemos. A condição de toda a especialização séria, hoje que os problemas e as técnicas cada vez se tornam mais complexos e mais difíceis, é a existência de quadros numerosos de verdadeiros técnicos.

Succede, porém, que não existem as condições necessárias ao surgimento de equipas numerosas de técnicos que o não sejam apenas de nome. O ensino técnico está longe de ser

o que devia, pois funciona em condições de grande precariedade. O ensino superior, excessivamente prejudicado pela tendência para a preparação meramente teórica, não facilita também a formação de especializados. Além disso, não existem centros de estudos práticos, nem laboratórios, nem bibliotecas em quantidade suficiente. Isto sem falar na falta de técnicos estrangeiros que difundam entre nós os processos mais modernos e na dificuldade em tomar contacto com as publicações estrangeiras das diversas especialidades, que em geral são de custo elevadíssimo. Finalmente, não há entre nós uma mentalidade favorável à preparação especializada; o que se compreende se pensarmos que a maioria das pessoas não compreende a necessidade da habilitação profissional. E' que todos, em certa medida, têm um parente ou amigo que precise de ser médico sem saber medicina, que quer ser funcionário mal sabendo o alfabeto, ou que quer ser professor sem saber o que deve ensinar.

Nota-se por parte da nova geração um movimento no sentido de conferir à preparação técnica a dignidade que lhe compete. Resta apenas saber em que medida a realidade acolherá tão sensata atitude.

Falámos na necessidade da especialização. Contudo, para nós, ela só vale quando acompanhada de uma cultura geral integradora e compensadora. Além disso, parece-nos também que—como disse um dos homens mais notáveis do nosso tempo—se quisermos superar com sucesso a penúria de homens habilitados e fazer com que o nosso país possua quadros suficientes, capazes de fazer progredir a técnica e de a pôr em acção, devemos antes de tudo saber apreciar os homens, apreciar os quadros, apreciar cada trabalhador útil à causa comum. E' preciso compreender que de todos os capitais preciosos existentes no mundo o mais precioso e o mais decisivo são os homens, os quadros».

A técnica é um instrumento, um meio, que se em si mesmo é bom, pode ser aproveitado contra os homens. Quando nos dizem que o desenvolvimento da técnica não faz a felicidade dos povos, nós sabemos o que isto quer dizer: que se pretende fazer passar por desenvolvimento natural da técnica um certo aproveitamento que dela se faz e que consiste em transformá-la, de fonte de benefícios para a humanidade que podia e devia ser, em causa de martírios e humilhações, como é quando conduz ao desemprego e à miséria.

A técnica é um ingrediente do progresso. Mas só a técnica não faz o progresso, porque este, como disse Jean Richard Blech, é «técnica convertida em dignidade». Só quando há uma utilização socialmente justa das possibilidades que a técnica oferece há progresso.

Não é este, porém, o conceito de progresso dos que pensam que deviam destruir-se as máquinas, dos que como o Sr. Joseph Caillaux pedem a limitação das invenções, dos que como o Arcebispo de York acabariam se pudessem com o motor de explosão. Para eles a técnica não é um elemento do progresso, porque o progresso é o triunfo de determinados valores morais, como a resignação e a renúncia... O progresso para eles é a harmonia dos contrários, das forças antagonicas conseguida à custa do sacrifício dos menos fortes.

Para que a técnica seja convertida em dignidade, para que haja progresso verdadeiro, para que se saia da depressão que George Friedmann tão notavelmente estudou em *La crise du progres*, necessário se torna libertar a técnica das malhas que a prendem, isto é, modificar o sistema de produção e abrir o campo ao livre desenvolvimento das forças materiais.

Por outras palavras: impõe-se o estabelecimento de novas «formas» que melhor se ajustem às «forças». O progresso assenta na técnica; mas está sobretudo nas mãos dos homens dispostos a convertê-la em dignidade, decididos a dar-lhe uma utilização humanista,—que sirva realmente todos os homens.

A técnica pode ser um meio de libertação do homem (3); mas, para que tal aconteça, tem de ser ela própria libertada primeiro.

(3) Salvo no n.º anterior o artigo do nosso colaborador Alvaro Moura sobre «A técnica meio de libertação do homem», para que chamamos a atenção dos nossos leitores.

(1) Queremos abrir uma excepção para o Sr. António Sérgio, lamentando termos de deixar para outra vez uma análise demorada da sua maneira vaga e imprecisa,—digamos a palavra: utópica—de pôr a técnica ao serviço de todos os homens.

Quanto a nós, cooperativismo e fé abstracta na técnica não podem conduzir, na prática, a uma atitude eficaz. A solução do Sr. António Sérgio não é contraditória em si mesma—o que satisfaz o seu autor; mas está em contradição com as condições históricas a que se destina—e por isso nos parece a nós ingénuo e destinada irremediavelmente ao fracasso. No fundo, o que sempre nos separa do Sr. António Sérgio é o seu idealismo e a nossa suposição, fundada na análise da história, de que só a acção esclarecida, orientada por uma visão dialéctica,—de que só a acção adequada, a-típic,—é verdadeiramente criadora e promove o ultrapassamento das contradições históricas concretas.

(2) Recordemos que num país onde durante algum tempo corria a palavra de ordem «A técnica decida de tudo» depressa surgia uma outra complementando «Os quadros decidem de tudo», o que denuncia um estágio avançado do desenvolvimento técnico.